

# **PERIFERIAS DAS FEIRAS**

## **Produção de trabalho e território na cidade de Montevideo**



THE OUTSKIRTS OF STREET MARKETS  
Work production and territory in the city of Montevideo

Cláudia Cardoso Goularte  
Universidade Federal de Pelotas

Programa de Pós-Graduação em Antropologia | Pelotas, Brasil  
claudiasociologia@gmail.com | ORCID iD: 0000-0002-5332-2703

### **Resumo**

Com base em uma etnografia das feiras de *Tristán Narvaja* e *Piedras Blancas*, em Montevideo, busco refletir sobre as representações e intercâmbios entre esses territórios. Me valendo do uso de técnicas como a etnografia de rua, a etnografia digital e a análise documental e tendo como foco a comercialização dos objetos conhecidos por *cachivaches* por trabalhadores/as denominados *cachivacheros/as*, pontuo as especificidades destas trocas nas chamadas “*periferias* das feiras”. Com isso, procuro notabilizar o fato de que *Tristán Narvaja* e *Piedras Blancas* se constituem enquanto lugares privilegiados para refletir a respeito das relações entre trabalho e território na cidade de Montevideo.

### **Palavras-chave**

Feiras livres; Trabalho; *Periferias*; Território; *Cachivacheros*.

### **Abstract**

Based on the ethnography of street markets in *Tristán Narvaja* and *Piedras Blancas*, in Montevideo, I intent to reflect upon the representations and exchanges between these territories during the article. With the use of techniques like, street ethnography, digital ethnography and document analysis keeping in focus the commerce of objects known as *cachivaches* by workers known as *cachivacheros/as*. Pointing out the particularities of these exchanges in the street markets. My objective is to make known the fact that *Tristán Narvaja* and *Piedras Blancas* are privileged territories to reflect on the relationship between work and territory in the city of Montevideo.

### **Keywords**

Street markets; Labour, Outskirts; Territory; *Cachivacheros*.



Neste artigo, pretendo sistematizar e compartilhar aspectos da pesquisa de doutorado que venho realizando<sup>1</sup> no Programa de Pós-graduação em Antropologia, da Universidade Federal de Pelotas (PPGAnt/UFPel). Tomando como referencial empírico duas das principais feiras livres da cidade de Montevideo, *Tristán Narvaja*<sup>2</sup> e *Piedras Blancas*<sup>3</sup>, busco evidenciar as múltiplas relações existentes entre elas, bem como o modo pelo qual a interdependência entre estes espaços, pode ser conectada a processos mais alargados de organização dos fluxos de riqueza na capital uruguaia. Hugo Achugar, escritor uruguaio, sugere que a possibilidade de relacionar tais feiras, poderia evidenciar importantes características das relações de consumo, assim como das conexões entre o centro e a periferia da cidade:

A diferencia de los supermercados y los shoppings que funcionan como templos contemporáneos donde el feligrés consumidor concurre a adorar y a depositar sus tributos y exvotos, la feria de Tristán Narvaja posee la pluralidad propia de un reino débilmente normativizado. Tiene algo de fiesta carnavalesca, algo de parodia, por oposición a la -limpieza- y la -seguridad- del shopping center. Con todo, si se opone el espacio de la feria de Tristán Narvaja con el de, por ejemplo, la feria de Piedras Blancas, quizás fuera posible establecer semejanzas y diferencias que podrían indicar o mostrar otros rasgos de los de la feria de Tristán Narvaja. En especial, aquellos vinculados con el hecho de su ubicación central en la ciudad y su carácter parcial de -artefacto turístico - o de vitrina (Achugar 1992: 76).

---

<sup>1</sup>Meu primeiro contato com as feiras livres na cidade de Montevideo ocorreu em 2007, na época, finalizava minha pesquisa no Mestrado em Sociologia, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), intitulada, *Cotidiano, identidade e memória: narrativas de camelôs em Pelotas (RS)*, ao mesmo tempo, o fato de naquele momento estar trabalhando como artesã (profissão que exerci de maneira exclusiva entre os anos de 2003 a 2008), tornou possível minha experiência de trabalho nestes territórios da cidade. Além disso, a pesquisa atual propõe a continuidade da temática desenvolvida na dissertação de Mestrado em Antropologia (UFPel), desenvolvida entre os anos de 2015 e 2017, intitulada *Tristán Narvaja: uma etnografia sobre a Feira dos 'Mundos Paralelos' na cidade de Montevideo*.

<sup>2</sup> A feira de *Tristán Narvaja*, está situada no Bairro *Córdon*, o qual tem intrínseca relação com o centro comercial da cidade e se vincula a esse principalmente em razão da proximidade com a *Avenida 18 de Julio*.

<sup>3</sup> A feira de *Piedras Blancas*, ocorre no bairro de mesmo nome, em uma região considerada parte da periferia da cidade.

Partindo das observações realizadas em campo, narrativas e pesquisa documental, é possível considerar que tais espaços, possuem ressonância com um modo específico de sociabilidade, organização e gestão destes territórios, por parte dos/as feirantes. Com isso, um tipo especial de objeto e trabalhador parece centralizar os sentidos desta economia popular, quais sejam: os objetos denominados como *cachivaches*, disponíveis nos chamados mercados de pulgas presentes nestas feiras e os/as trabalhadores/as responsáveis por comercializá-los, os/as *cachivacheros/as*.

No que diz respeito à cidade de Montevideo, não é possível fixar os/as *cachivacheros/as* em uma categoria única e coerente, de forma que alguns destes/as tanto obtêm os objetos denominados *cachivaches* a partir da coleta de materiais passíveis de reciclagem encontrados no lixo urbano, mas também acessam outros circuitos comerciais.

Minha percepção dos *cachivacheros* ... bem... eu dividiria os *cachivacheros* em dois grupos ... o primeiro grupo... não por isso mais importante, mas só para separá-los ... há *cachivacheros* que são sim *hurgadores* ...são as pessoas que buscam no lixo coisas que podem chegar a vender...de todo tipo...qualquer coisas... e também tem os outros *cachivacheros* os que vão aos remates...para comprar lotes de coisas ... variadas, diferentes ... compram uma caixa com muitas coisas e logo dessa caixa que lhe saiu 200 pesos tira quarenta artigos e os põe um a 100 outro a 50 outro a 15 e multiplicam seu dinheiro[...] (Oscar<sup>4</sup>).

A partir da narrativa de Oscar e das observações realizadas em campo, os/as *cachivacheros/as* não podem ser associados/as, de maneira automática, a uma classe social ou a uma condição de precariedade material. Porém, independentemente da posição ocupada, as feiras livres se constituem enquanto o principal local acessado para a comercialização das mercadorias conhecidas por *cachivaches*.

As feiras livres, são pensadas na intrínseca relação com a cidade de Montevideo, a partir da perspectiva de *espaço compósito* (Carmo 2008), nas quais os lugares não são reflexos de uma composição linear e hierárquica de escalas, mas campo de

---

<sup>4</sup> Oscar exerceu durante 25 anos a atividade de feirante em *Tristán Narvaja*, porém, atualmente a frequenta na condição de consumidor e admirador. Tendo sido um dos/as principais interlocutores/as durante minha pesquisa de mestrado em Antropologia, em janeiro de 2019, tivemos a possibilidade de nos reencontrar e percorrer a feira de *Tristán Narvaja* juntos/as, desde então, mantivemos contato via *WhatsApp*.

tensões e colisão entre estas, o que demonstra significados diferentes a partir das dinâmicas, que podem ser, contraditórias ou antagônicas, mas que também, possibilitam associações e relações.

Com relação as feiras *Piedras Blancas* e *Tristán Narvaja* é possível dizer que tais territórios produzem uma série de representações divergentes, muitas das quais marcadas por um evidente antagonismo. Nas “nuvens de palavras” a seguir, realizadas com base nos primeiros resultados da pesquisa por estas feiras na internet, é possível visualizar as diferenças entre esses territórios, mas também, aquilo que os torna semelhantes. Tal exercício analítico, demonstra a força dos discursos midiáticos na construção das percepções, muitas vezes, estigmatizantes sobre os lugares; ao mesmo tempo que torna possível perceber conexões impossíveis de serem apagadas.



**Palavras chave:** títulos e resumos de notícias no Google (*Piedras Blancas*)



**Palavras chave:** títulos e resumos de notícias no Google (*Tristán Narvaja*)

Contudo, a pesquisa de campo tem demonstrado que independente das representações, por vezes binárias sobre estes territórios, tais feiras estão conectadas.

A diferença entre essas duas feiras, é que *Tristán Narvaja*, por exemplo, vai gente da cidade do país e do mundo e *Piedras Blancas* é um lugar onde vai somente gente que vive ali ou gente que vai realmente comprar coisas para vender em outras feiras... parece que *Piedras Blancas* é um lugar longe, mas para quem vem do interior do país, como eu, é um dos

primeiros lugares em que as pessoas chegam e vai se formando bairros por essas zonas e ampliando muito e por isso é tão grande a feira (Alejandro<sup>5</sup>).

### **Tensões, disputas e negociações**

A feira de *Tristán Narvaja* é considerada a primeira feira de Montevideo, pois foi constituída em 1870. Após algumas mudanças quanto à sua localização, em 1909, passa a ocupar a rua de mesmo nome. Em outubro de 2020 completou 150 anos de existência, mantendo ao longo do tempo, muitas das suas principais características, dentre as quais a grande oferta de mercadorias heterogêneas; local privilegiado para o acesso a produtos alimentícios a um menor custo e espaço lazer. Além disso, conta com a presença constante de artistas de rua, particularidade que compartilha com muitas das feiras livres da cidade, principalmente, as frequentadas por turistas, como *Tristán Narvaja*.

La feria de antaño<sup>6</sup> era una verdadera feria de novedades. Naturalmente se vendía de todo, pero además existían atracciones en teatrillos o se hacían demostraciones de forzudos, se tiraba al blanco y se exhibían placas fotográficas estereoscópicas que la mayor parte de las veces eran de dudoso gusto.<sup>7</sup>

Tal aspecto, informa sobre a influência, daquela que é considerada e descrita como “a mãe de todas as feiras”. Porém, em outubro de 2019<sup>8</sup>, a feira de *Tristán Narvaja* ganhou repercussão na mídia a partir das manifestações de feirantes contrários às tentativas e intervenção na feira por parte da municipalidade. Em inúmeros postos de trabalho foram expostos cartazes com a seguinte inscrição: “*Sr. intendente, la feria no se toca, es patrimonio<sup>9</sup> nacional*”. E a cada hora foram realizadas

<sup>5</sup> Conheci Alejandro durante a realização da pesquisa de campo em janeiro de 2019. Colecionador e apreciador de *cachivaches*, é proprietário de um prédio na rua *Tristán Narvaja*, que naquele momento abrigava a loja *El cambalache de Tristán*, considerada um dos circuitos comerciais de compra e venda de *cachivaches*, mas que recentemente encerrou suas atividades.

<sup>6</sup> Referência ao ano de 1878.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.asociacionferiantes.com.uy/historia.php>.

<sup>8</sup> As tentativas de intervenções por parte da municipalidade já estavam sendo realizadas desde junho do mesmo ano, porém, somente em outubro passaram a ter uma repercussão midiática.

<sup>9</sup> Em 2013, a feira foi considerada Patrimônio Departamental de Montevideo, porém os cartazes com a inscrição Patrimônio Nacional remetem não a um equívoco, mas ao fato da solicitação deste registro

*caceroleadas* por feirantes. As manifestações foram organizadas pelo *Colectivo Cultural Feria de Tristán Narvaja*, que nasceu da necessidade de dialogar, se contrapor e negociar os limites das intervenções, que incluíam separar e organizar os postos de acordo com as mercadorias comercializadas. Segundo Ricardo Cozzano<sup>10</sup>, um dos principais porta vozes do coletivo:

Se la nombró patrimonio sin estar regulada, sin estar separada por rubros; se la nombró, así como está, aduciendo a la diversidad, a lo pintoresco, a lo democrático y a todo lo que la feria significa, enorgulleciéndose de que es un paseo y un punto de encuentro de todos los uruguayos [...] el patrimonio existe sólo con los feriantes que arman la feria temprano y la desarman en la tarde sólo los días domingo, no existiendo patrimonio de tipo alguno de lunes a sábado (Ricardo).

Os desdobramentos desse conflito permaneceram até que em março de 2020, com a eclosão pandemia COVID-19, as feiras livres se tornaram um dos focos de maior preocupação do poder público, como atesta a manchete do *Jornal Clarín Internacional*, de 31/03/2020, intitulada “*Alerta mundial Coronavirus en Uruguay: multitudes en Tristán Narvaja, un problema en medio de la pandemia*”. Trago a seguir um pequeno trecho da matéria, com a intenção de evidenciar parte das relações entre as feiras de *Piedras Blancas* e *Tristán Narvaja*:

Las acciones de precaución adoptadas en *Uruguay* para paliar la situación provocada por el *coronavirus* dieron lugar a un *foco de conflicto* que podría llegar a afectar la actividad de los pequeños productores y sus clientes. El ministro de Salud Pública, Daniel Salinas, subrayó la presencia de *multitudes* y *el incumplimiento de algunas de las medidas preventivas en Tristán Narvaja y Piedras Blancas, dos de las ferias a cielo abierto más populares de Montevideo. [...] ‘Mientras no se decreten las medidas que hay que decretar, es difícil conseguir un respaldo*

---

realizada junto aos órgãos competentes pelos membros do *Colectivo Cultural Feria de Tristán Narvaja*.

<sup>10</sup> Conheci Ricardo recentemente, seguindo as feiras pelos caminhos digitais tive conhecimento das manifestações realizadas e posteriormente tive acesso a uma ata da reunião entre o *Colectivo Cultural Feria de Tristán Narvaja* e a *Comisión de Hacienda*, realizada em julho de 2020, momento em que os efeitos das intervenções se somavam aos da pandemia, impactando de maneira importante a atividade dos/as feirantes. Durante semanas, busquei por maiores informações até que a partir do *Instagram* do *Colectivo Cultural Feria de Tristán Narvaja* (@feria\_madre\_dominical) foi possível a realização de um primeiro contato. Ricardo já tinha conhecimento da minha pesquisa e desde então passamos a ter diálogos frequentes via *WhatsApp*; sua contribuição é, sem sombra de dúvidas, inestimável para a pesquisa.

para cumplir con la fiscalización’, se quejó el director de Desarrollo Económico de la Intendencia de Montevideo, Oscar Curutchet<sup>11</sup>.

Neste sentido, é fundamental mencionar que desde outubro de 2020, o *Colectivo Cultural Feria de Tristán Narvaja* tem realizado todos os domingos, durante a feira, uma intensa campanha de sensibilização e conscientização sobre a importância do cumprimento das exigências sanitárias. A cada domingo, segundo Ricardo, são distribuídas a feirantes e frequentadores entre 3500 e 5000 máscaras descartáveis e uma média de 50 litros de álcool em gel. Tal ação é realizada com recursos próprios e a partir de doações realizadas ao coletivo.

Dentre os atores envolvidos nas tensões que envolvem as feiras na cidade, saliento os conflitos entre feirantes e moradores dos diferentes bairros da cidade, via coletivo *Unión de Vecinos de ferias y periferias de Montevideo*, pois muitos moradores têm formalizado denúncias, exigindo sobretudo, a fiscalização e a rotatividade das feiras na cidade. Em inúmeros depoimentos, principalmente na página do coletivo no *Facebook*, foi possível observar que, enquanto a menção à feira de *Piedras Blancas* é recorrente, são escassas as reclamações quanto a feira *Tristán Narvaja*, porém existem; e durante a pesquisa de campo tive contato com moradores do bairro *Cordón* que relataram os inconvenientes provocados pela feira.

O mapa a seguir evidencia a densidade das feiras livres em Montevideo, colaborando com a afirmação de que estas participam de maneira ativa da produção e ocupação do território urbano.

---

<sup>11</sup> Disponível em: [https://www.clarin.com/internacional/coronavirus-uruguay-multitudes-tristan-narvaja-problema-medio-pandemia\\_0\\_1J85qj4Se.html](https://www.clarin.com/internacional/coronavirus-uruguay-multitudes-tristan-narvaja-problema-medio-pandemia_0_1J85qj4Se.html).

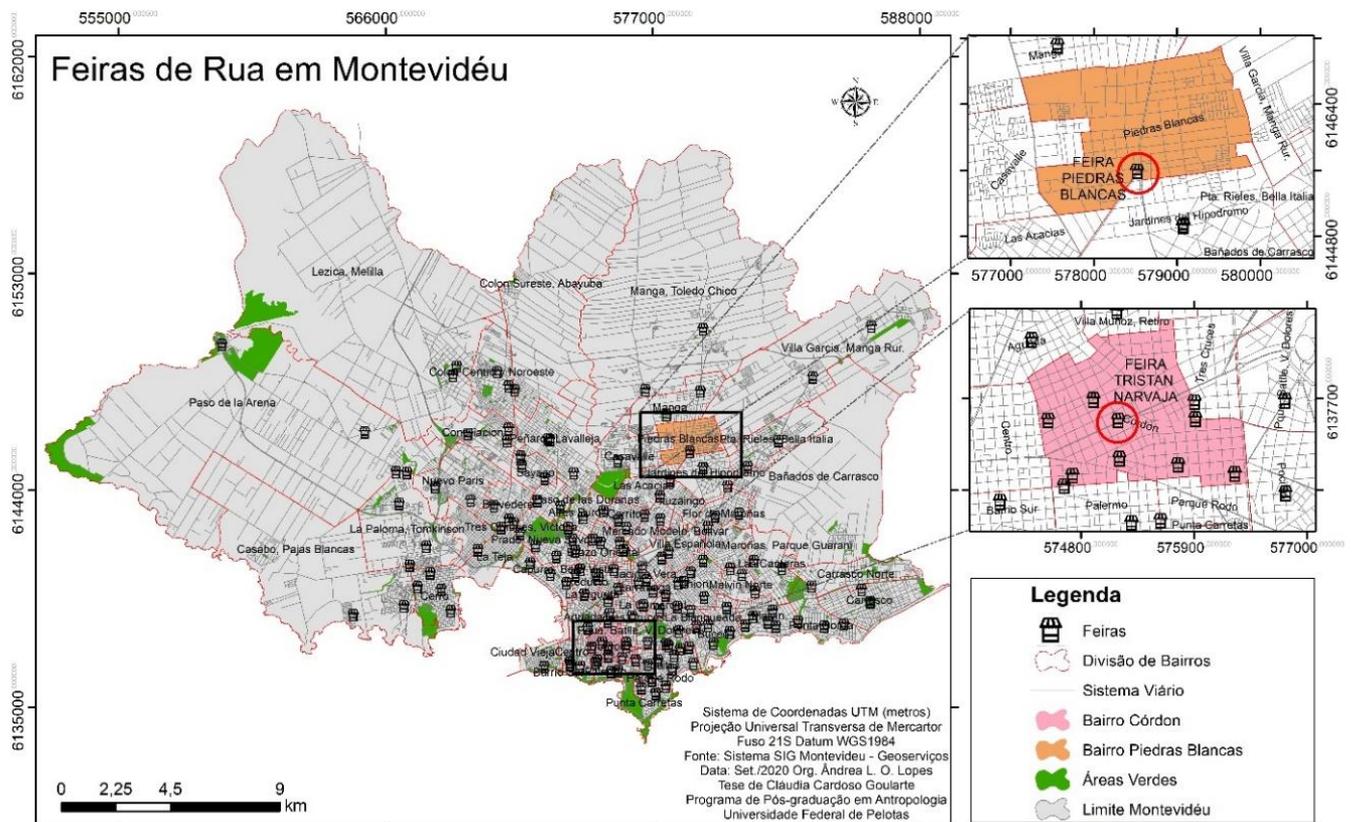


Figura 1: Sistema Sig Montevidéu (Goularte 2020).

A rotatividade das feiras municipais em geral, pode ser solicitada junto ao Conselho Municipal, por moradores ou comerciantes, desde que a mesma tenha permanecido no mínimo três anos no mesmo lugar. Porém, em *Piedras Blancas* é muito pouco provável que se torne uma realidade, sobretudo se considerada suas dimensões, que inclui dezenas de quadras e a densidade de trabalhadores. No que diz respeito à *Tristán Narvaja*, segundo Ricardo, em reunião recente com o *Colectivo Cultural Feria de Tristán Narvaja*, representantes da municipalidade afirmam que este ponto não faz parte das mudanças que envolvem a reestruturação da feira.

Porém, os conflitos permanecem, em especial o descrito acima, em artigo recente, tal aspecto é abordado pelos autores.

Incluso en los barrios de medios y altos ingresos, la presencia de ferias semanales, principalmente de alimentos de calidad a precios convenientes, es uno de los rasgos identitarios del ser montevidéano y su paisaje citadino. Opera una escenificación donde reina la atmósfera del mercadeo y el encuentro de

vecinos constituye una suerte de ritual. Algunos de los residentes de las calles donde se montan las ferias manifiestan cada vez más sentirse perjudicados por la contaminación acústica y los desechos generados, forzando un nuevo régimen de circulación en disputa (Pedrosian et al. 2019: 168).

Com base no descrito até aqui compreendo as feiras livres na cidade de Montevideo, em especial *Tristán Narvaja* e *Piedras Blancas*, como territórios privilegiados para pensar as conexões, fluxos e conflitos mobilizados em torno da economia popular de Montevideo.

Cuando hablamos de territorio, lo consideramos como producto y productor de los actores sociales que operan en él, de sus actividades y de sus relaciones, y no como simple soporte físico o geográfico de esas dinámicas. En este sentido, el territorio es una construcción social, ya que se trata de un espacio apropiado por un grupo humano. Para decirlo de otra manera, es el espacio de vida de un grupo social, indisoluble de este último. Apropiarse de un espacio implica cierto control, dominio o gestión de este, por parte del grupo de personas. Está animado por relaciones de poder tanto en un sentido político como económico, cultural o simbólico. Lejos de ser un espacio dominado exclusivamente por el aparato administrativo estatal, como frecuentemente se lo concibe, consiste en un lugar de convivencia, tensiones y disputas entre diferentes actores (Abbadie et al. 2019: 282.).

Mobilizar o conceito de território, em diálogo com autores/as que pensam a cidade na contemporaneidade é fundamental e se relaciona com a importância de compreender estes espaços nos seus próprios termos. O movimento de expansão e retração das feiras a partir das chamadas *periferias* ativa fluxos e intercâmbios, sendo por isso acessadas por um número substancial de trabalhadores/as, dentre os quais os/as conhecidos/as como *cachivacheros/as*, que de maneira intensa ocupam os lugares vagos, comercializando uma pluralidade de objetos usados, conhecidos pela denominação de *cachivaches*.

A gestão das feiras por parte dos/as trabalhadores/as torna possível a existência de um campo de trocas, circunscrito ao comércio de objetos usados. Acessando a história destes territórios é possível dizer que as feiras se configuram, desde seu início, como espaços para o comércio heterogêneo de

mercadorias; particularidade que também denota a forte desigualdade entre classes sociais presentes no país<sup>12</sup>.

Territórios de trabalho em movimento<sup>13</sup>. Estes espaços produzem diferentes representações em torno das atividades desenvolvidas, sendo por isso locais privilegiados para pensar sobre as formas como os habitantes se relacionam com a cidade. A história da cidade com estes espaços permite que sejam consideradas fundamentais para refletir sobre as estratégias assumidas pelos sujeitos em momentos de dificuldades materiais e/ou crises econômicas, sendo um “termômetro” da economia. Passíveis de expansão ou retração, a maior ou menor densidade de trabalhadores/as torna possível compreender o momento econômico pelo qual passa a cidade e o país.

Territórios de resistência, palco de relações que envolvem discursos que acionam questões de ordem política, econômica, cultural e histórica. Lugares de trabalho, consumo, lazer. Parte constituinte da paisagem da cidade, conectam territórios e promovem a circulação de mercadorias. Possibilitam o acesso a experiências sensoriais e subjetivas a partir das trocas materiais. Mobilizam e colocam em relação trabalhadores/as, frequentadores/as e mercadorias.

Algumas, dentre as quais *Tristán Narvaja*, se tornaram pontos turísticos. Sua indicação como rota de passeios leva em conta a diversidade e intensidade do seu mercado de pulgas.

De las muchas peculiaridades de la feria de Tristán Narvaja, una mayúscula es que conserva su carácter ferial de origen; no sólo se venden allí curiosidades y cosas utilitarias, sino también alimentos frescos, de huertas y mataderos. Pero, seguramente, su característica más pintoresca es el punto de inflexión donde los objetos utilitarios pasan a ser pintorescas rarezas: a veces es posible comprar cueritos de canilla usados, zapatos impares, dentaduras postizas partidas, mangos rotos de sartén... Probablemente sea cierto que hay un comprador para todo, pero cabe sospechar que esos objetos constituyen un condimento, quizás innecesario, para acentuar el sabor

---

<sup>12</sup> [...] si bien la ciudad de Montevideo presenta en términos agregados mejores condiciones de vida y menores niveles de desigualdad que en décadas anteriores, persisten brechas espaciales importantes en los niveles de bienestar de la población, que no responden de modo directo a la reactivación económica ni a las reformas sociales de la última década (Ramos 2019: 56).

<sup>13</sup> As feiras não são fixas e possuem uma mobilidade interna constante a partir das chamadas *periferias* destas.

local de esta gran atracción turística que es la feria de Tristán Narvaja.<sup>14</sup>

Em relação às atividades de trabalho compartilhadas nestes espaços, a etnografia em diálogo com a pesquisa documental tem possibilitado observar as correspondências com uma dinâmica que abrange as demais feiras livres presentes na capital uruguaia.

Las ferias vecinales, son además de atractivas por su colorido, sus olores a comida rápida, los gritos y el buen humor de sus feriantes, un medio de supervivencia para muchas personas, cuyo único ingreso depende de vender lo que ha encontrado en la calle. En las ferias, sobre todo las ubicadas en los barrios más pobres de Montevideo, los vendedores se apilan como pueden unos junto a otros y esparcen en un mantel o en el suelo, los enceres encontrados en la basura. Libros de décadas pasadas que muchos abandonaron, repuestos inútiles, herramientas inservibles por su estado, la vajilla rota, gafas sin cristales y cristales sin gafas, y más, mucho más. Venden o intentan vender, lo que encuentran, junto a algún elemento personal, que sacan a la vía pública, para poder lograr algún ingreso (Camejo 2009: 64).

Tal dinâmica aponta em inúmeros momentos, de maneira direta e indireta, para as características de uma autogestão praticada nestes territórios. Em relação a este fato, é importante salientar que é a permissão concedida pelos feirantes e “permitida” pela municipalidade que possibilita a expansão das feiras para muito além dos limites oficiais. Tal fenômeno recebe a denominação de *periferias* das feiras, que de maneira intensa se relaciona com as desigualdades presentes na cidade. No *site* da Associação de feirantes do Uruguay é possível acessar uma categorização das feiras, e como ela induz a pensar que as *periferias* seriam um tipo específico de feira:

Existen en Montevideo ferias de alimentos administradas por Adeco, ferias especiales y ferias mixtas administradas por I. M. y periferiantes.

Las ferias municipales presentan un deterioro y un descontrol muy importante, se vende de todo, no tienen inspección, no tienen espacios determinados ni controlados, interrumpen el tránsito, etc. Son aproximadamente 6 ferias por día, de martes a domingos.

---

<sup>14</sup> Ver: <https://www.lanacion.com.ar/lifestyle/feria-en-uruguayo-se-dice-br-tristan-narvaja-nid212074/>.

Las ferias de alimentos, responsabilidad de Adeco, por la gestión del organismo y de los propios feriantes mantienen un menor nivel de deterioro. Aproximadamente 22 ferias por día, de martes a domingos. Son el mayor sistema de abastecimiento de alimentos frescos.

Periferias, existen más de 25 diarias, todos los días, no tienen control, son responsabilidad de la Intendencia de Montevideo, se comercializa de todo, se instalan de hecho en los mejores lugares.<sup>15</sup>

Porém, diferente do que o trecho acima afirma, é possível perceber tal fenômeno presente na grande maioria das feiras. Alejandro explica: “[...] feira é na área delimitada, estabelecida. *Periferia* da feira é o pessoal que aparece por fora... para aproveitar o movimento... e tenta vender alguma coisa, a uns metros, dentro, na volta, nas esquinas. Uma é regulada e a outra é um fenômeno social”.



Figura 2: GOULARTE, 2019. *Periferia de Tristán Narvaja*.

---

<sup>15</sup> Disponível em: <http://www.asociacionferiantes.com.uy/historia.php>.



Figura 3: GOULARTE, 2019. *Periferia de Piedras Blancas*.

E partindo das técnicas de etnografia de rua<sup>16</sup> (Rocha & Eckert 2013), etnografia digital (Hine 2004; Miller 2015) e análise documental, tenho experienciado as possibilidades de encontros, diálogos e aprendizagens, que se traduz em uma escrita que privilegia o entrecruzamento destas narrativas.

### ***Cachivacheros e cachivaches: pensando a relação entre pessoas e coisas***

Dentre a multiplicidade de mercadorias comercializadas nas feiras livres, a pesquisa tem seu foco no intenso comércio de objetos usados, em especial os denominados *cachivaches*, que são transportados e comercializados por feirantes conhecidos como *cachivacheros/as*, e aparecem como fundamentais para o fenômeno de expansão e densidade das feiras livres.

*Tristán Narvaja* e *Piedras Blancas* possuem a característica dos lugares polifônicos que produzem ressonância, isto é, resignificam o aparente caos e criam sentidos, histórias e representações. A exposição de objetos dissonantes é uma das particularidades que salta aos olhos e a intensa presença deles é

<sup>16</sup> “Consiste na exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas em que o pesquisador está atento às variações das formas de ocupação do espaço, dos jogos de interação social e tensões nos territórios vividos” (Rocha & Eckert 2013: 23).

o que mobiliza a relação entre pessoas e coisas. Os objetos criam constelações de sentidos. Convidam à experimentações e trocas e são atravessados por uma relação de aprendizagem que se estabelece a partir das interações entre feirantes e consumidores. Mediante as especificidades destas trocas é possível compreender as representações (muitas vezes ambivalentes) em torno do que significa denominar determinada coisa como *cachivache*, assim como o que vem a ser um/a *cachivachero/a*.

Ao refletir com as narrativas, e revisitar meus percursos através dos diários de campo, fica nítida a importância das coisas denominadas como *cachivaches*. São e não são quaisquer coisas. Através e com elas, é possível ler a mensagem de que ser um/a *cachivacheros/a*, tal qual ser coisa que adere às características de *cachivaches*, é parte de uma produção realizada na inter-relação entre pessoas e coisas; o que resulta em um comércio que mobiliza memórias, tempos e lembranças.

Sabe o que eu acho... pelo menos quando eu estava em relação com os *cachivaches*... que o pessoal coleciona... são coisas que eles compram ou trocam ou conseguem para eles terem consigo, para viver perto dessas coisas... pra decorar a casa... até pensando em deixar de herança também... e é muito difícil entender o valor para quem não aprecia isso e geralmente o pessoal que vende *cachivaches* procura é achar uma pessoa que tenha saudades dessa mercadoria ... pode ser um brinquedo, por exemplo, antigo que eles acabam vendendo para uma pessoa velha que brincava com isso... aí tem um valor bem elevado também, né... não é uma venda de lixo (risos) é uma coisa que eles tem que esperar que apareça a pessoa que realmente entenda o valor de ter esse objeto conservado (Alejandro, agosto de 2020).

São as coisas, antes que as pessoas, que parecem evocar o convite ao encontro com o passado, porém, em decorrência das (im)possibilidades do presente, são constantemente narradas como em vias de desaparecer.

A parte de *cachivaches* está muito relacionada às coleções particulares das pessoas, está também na decoração dos comércios, porém isso está se perdendo porque as gerações já não conservam as coisas e nem dão valor porque na realidade tudo isso eletrônico e digital faz com que nada possa ocupar espaço, então se perdeu muito o valor do estético, o que era lindo, o que tinha beleza antes, os *cachivacheros* te ofereciam coisas que podiam ser objetos únicos (Alejandro).

Contudo, mais forte que sua futura ausência, é possível observar sua intensa presença nas feiras aqui descritas. Falam sobre como a nostalgia é passível de materialização. Sem elas as feiras seriam substancialmente diferentes; com certeza menos atraentes para quem as frequenta em um ritual de busca. E nesse sentido, “[...] embora de um ponto de vista *teórico* atores humanos codifiquem as coisas por meio de significações, de um ponto de vista *metodológico*, são as coisas em movimento que elucidam seu contexto humano e social” (Appadurai 2008: 17). Convocam ao encontro com o acaso e não podem ser desvinculadas de ser uma forma de renda; nunca supérflua para quem por personalidade e necessidade se encontra nesta atividade; e assim como são múltiplos os objetos denominados *cachivaches*, também são os/as *cachivacheros/as*.

Desta forma, tais territórios são lugares privilegiados para a análise e reflexão sobre os modos de se relacionar, habitar e viver a cidade, diante das sempre presentes (im)possibilidades materiais e históricas. Ao entrar em contato com as feiras, de *perto e de dentro* (Magnani 2002), é possível o acesso às experiências que ocorrem em universos compostos por justaposições, quebras e recomposições de sentidos; permitindo perceber a interdependência entre o que se pensa como “centro” e o que se costuma entender como “periferia”, tanto no sentido territorial quanto econômico. As *periferias* das feiras, escancaram a realidade desigual da cidade, onde a precariedade não se deixa confundir com o turismo, mas faz com que por um tempo, ainda que efêmero, dividam o mesmo lugar.

As feiras de *Tristán Narvaja* e *Piedras Blancas* são compostas por um excesso de estímulos, o que convida à lentidão. Caminhar devagar produz a atenção necessária para encontrar, entre os objetos, o que é subjetivamente próximo. Quando isso ocorre, a qualidade do encontro, por vezes, demonstra que a imersão em nostalgias alheias pode ser via de acesso ao próprio passado. Compartilham e produzem um comércio em torno das memórias, em que os diferentes tempos das coisas e suas histórias fazem parte das narrativas; ao mesmo tempo que apontam para as estratégias utilizadas por *cachivacheros/as* nas *periferias* das feiras.

É no aparente caos que organização e fluxos são produzidos. Diante da concretude desses lugares paira sempre o inapreensível e o que só pode ser desvelado considerando a ambivalência. Espaços sempre diferentes, mas também há

muito tempo iguais, principalmente para feirantes que anseiam por concluir o dia de trabalho com algum lucro.



Figura 4: GOULARTE, 2019. *Periferia de Tristán Narvaja*.

Com isso, levantam a importante questão sobre o direito ao trabalho e seu exercício. Não fazem parte da feira turística. Mas turistas, desavisados ou curiosos, circulam por elas, influenciando a boa sorte nas vendas. Lugares de incertezas e possibilidades; do encontro com o que se necessita, mas também com o inusitado, às vezes raro. Concedem um tempo lento para a saudação das quinquilharias; possibilitam o contato íntimo com as coisas. Quem tem por quase ritual percorrer seus inúmeros caminhos, as conhece e admira. Suas ruas e o que nelas acontece é narrado em histórias feitas por fragmentos. Pequenos acontecimentos cotidianos têm lugar e importância; informando sobre o que acontece na cidade pela voz de trabalhadores/as e habitantes.

Diante disso, as feiras livres convocam a cidade a pensar a ocupação dos espaços públicos. O acesso a esses territórios, possibilitado pela autonomia dos/as feirantes, é algo singular, circunscrito às feiras; mas não é compreendido como algo fixo ou imutável; há receios sobre o futuro das atividades, que irromperam com mais intensidade durante a pandemia da COVID-19.

Por fim, ao longo deste artigo busquei sistematizar os principais achados da pesquisa que desenvolvo no doutorado,

salientando para as mútuas relações, representações e especificidades da ocupação destes territórios, em especial as feiras *Tristán Narvaja* e *Piedras Blancas*, e considerando a circulação de objetos, trabalhadores/as e conflitos que movimentam uma economia em torno dos mercados populares, que se relaciona com as memórias individuais e coletivas produzidas na cidade.

### Referências bibliográficas

- ABBADIE, Lucia *et al.* 2019. “Del barrio a las territorialidades barriales: revisitando categorías desde experiencias de trabajo en cuatro barrios de Montevideo”. In: Sebastián Aguiar *et al.* *Habitar Montevideo: 21 miradas sobre la ciudad*. Montevideo: Ed. La Diari: 275-304.
- ACHUGAR, Hugo. 1992. *La Balsa de la Medusa: Ensayos sobre identidad, cultura y fin de siglo en Uruguay*. Montevideo: Ediciones Trilce.
- APPADURAI, Arjun. 2008. “Mercadorias e a política de valor”. In: Arjun Appadurai. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora Universidade Federal Fluminense. p. 15-87.
- CAMEJO, Raquel Rodríguez. 2009. *Más allá de la regulación: el lado humano del trabajo informal*. Tesina de Especialista en Información Internacional y Países del Sur, Facultad de Ciencias de la Información. Universidad Complutense de Madrid, Madrid.
- CARMO, Renato Miguel do. 2008. “Do espaço abstracto ao espaço compósito: reflectindo sobre a tensão entre mobilidades e espacialidades”. *VI Congresso Português de Sociologia*, Lisboa.
- GOULARTE, Cláudia Cardoso. 2017. *Tristán Narvaja: uma etnografia sobre a Feira dos ‘Mundos Paralelos’ na cidade de Montevideo*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- GOULARTE, Cláudia Cardoso. 2008. *Cotidiano, identidade e memória: narrativas de camelôs em Pelotas (RS)*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- HINE, Christine. 2004. *Etnografia Virtual*. Barcelona: Editoria UOC.

- MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2002. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 17(49): 11-29.
- MILLER, Daniel; HORST, Heather A. 2015. “O digital e o humano: prospecto para uma antropologia digital”. *Parágrafo* 2 (3): 91-111.
- PEDROSIAN, Eduardo Álvarez *et al.* 2019. “Ser en la ciudad: las expresiones de lo barrial em los procesos del habitar urbano”. In: Florencia Rehermann *et al.* *Territorialidades barriales en la ciudad contemporánea*. Montevideo: Ed: Mastergraf S.R.L. p. 163-181.
- RAMOS, V. Borrás. 2019. “Cambios y continuidades en la configuración socioespacial de Montevideo y el Área Metropolitana: una mirada longitudinal 1996-2016”. In: Sebastián Aguiar *et al.* (Coord.). *Habitar Montevideo: 21 miradas sobre la ciudad*. Montevideo: Ed: La Diari. p. 45-73.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. (Org.). 2013. *Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana*. Porto Alegre: Editora UFRGS.

Enviado: 08 de março de 2021

Aceito: 31 de maio de 2021